

CAPÍTULO 6

NOVAS COMPETÊNCIAS PARA NOVOS ATORES

Paulo Fossatti

Henrique Guths

Lucas da Silva Severo

1 INTRODUÇÃO

Quem é a pessoa do século XXI? A que ela é chamada? Por que vivemos a sensação de estarmos sempre desatualizados e à margem das últimas novidades em qualquer área do conhecimento? E por se falar em educação, até quando viveremos com as críticas de que a escola e a universidade não mudam ao ritmo do mercado, da indústria ou mesmo da sociedade? Entre tantas perguntas temos a certeza do Filósofo Heráclito: Um homem não se banha duas vezes no mesmo rio, pois tanto o rio quanto o homem já não serão os mesmos no segundo banho. Portanto, as competências, os docentes, os discentes que construíram a educação até o presente momento, que educaram gerações, que fizeram história, não nos levarão adiante. A Escola mudou. A Universidade mudou. O Docente mudou. O Discente mudou. As formas de ensinar e de aprender mudaram. A neurociência comprova que nossa neuroplasticidade abre infinitas possibilidades de conexões, de sinapses, de associações, leva a construir novos e inimagináveis mundos que não nos permitimos até então. Portanto, ao olharmos para a educação superior, sacudida por inúmeros eventos inesperados, repentinos e disruptivos, nos ocuparemos apenas de três categorias que exigem novo posicionamento para retomarmos nosso lugar na educação: Exercício da autonomia do estudante e do educador; Currículo por competências e Disrupção Tecnológica e Humana.

O Exercício da autonomia do estudante e do educador é tarefa para toda a vida. A escola sempre os colocou na condição de “aluno”, aquele que não tem luz, e ao seu lado, o “professor”, aquele que “professa” algo. Ora, este modelo, por mais que teoricamente seja criticado e o tentemos negar, continua a produzir seus efeitos nocivos na passividade de muitos estudantes que se sujeitam no conforto da condição da “tábula rasa”, esperando que o professor venha “professar algo” para seu suposto saber, na maioria das vezes sem sentido e sem contextualização. Não raras são as vezes que, ao buscar por competências ativas, ouvimos estudantes reagirem com a expressão “tô pagando para o professor dar aula”, em verdadeira atitude passiva, como se o aprender e o desenvolver competências fosse força mágica que vem de fora, invade e transforma o sujeito.

O Currículo por Competências desfaz o paradigma das tradicionais matrizes curriculares com sua carga histórica, desde a escola da Revolução Industrial até os dias de hoje. Questiona o conteúdo por si mesmo e procura dar sentido e lugar ao desenvolvimento de competências que serão exigidas ao longo da vida.

Para a virada de chave na educação, não basta apostarmos em novas tecnologias, fenômeno este acelerado na pandemia COVID-19 e possivelmente na pós-pandemia. É urgente e necessário apostar na disrupção humana que exige o desenvolvimento integral da pessoa. Segundo a UNESCO (2022) cabe à universidade potencializar os estudantes para criar novos conhecimentos, desenvolvê-los por meio da formação integral e ajudá-los a potencializar responsabilidade social, contribuindo com um mundo mais cooperativo e habitável para todos.

Portanto, neste capítulo discutiremos as novas competências de ensino-aprendizagem na educação superior, visando o desenvolvimento de pessoas que respondem bem à vida e ao mercado de trabalho na atualidade. Nos propomos refletir, criticamente, o desenvolvimento destas três competências supracitadas, capazes de dar conta de um mundo em constantes e rápidas mudanças que exigem processos contínuos de transformação, inovação e empreendedorismo. Em síntese, o artigo trata das novas competências de ensino-aprendizagem na educação superior,

visando o desenvolvimento de pessoas aptas para a vida e o mercado de trabalho na atualidade. Tem por objetivo refletir, criticamente, o desenvolvimento de competências essenciais de discentes e docentes, capazes de dar conta de um mundo em constantes e rápidas mudanças que exigem processos contínuos de transformação, inovação e empreendedorismo. A Metodologia qualitativa recupera a narrativa dos autores e seus diários de campo na condição de docentes em exercício na educação superior.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Exercício da autonomia do estudante e do educador

Quanto mais as pessoas vivem sua autonomia, mais agregam valor ao seu entorno. Esta não vem por decreto. É parte de uma cultura, de uma forma de educar, de um modo de posicionar-se diante da vida e dos fatos com autoria, cidadania e posicionamento. O grande educador brasileiro Paulo Freire, em sua Obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2019) nos ajuda a esculpir características de autocrítica, de auto-reflexão, de transformação das dificuldades em possibilidades. Contudo, a autonomia não nos é dada, não é adquirida em um curso ou em uma viagem. Ela é processo por toda a vida. Exige tomada de decisão, escolhas, posicionamento diante das infinitas possibilidades que a vida oferece, dentre outras (FOSSATTI, 2013).

Mas, como fazer uso do exercício da autonomia num mundo em que não temos mais apenas a opção do certo ou errado, mas podemos construir nossas respostas? Como exercer a autonomia na perplexidade de tantas oportunidades? Neste mundo que deixou de ser dualista e se apresenta como caleidoscópio, tanto docentes como discentes apresentam dificuldades para se reconhecerem neste novo lugar de construção, de criação, de inovação e empreendedorismo, numa realidade que possibilita respostas múltiplas aos desafios apresentados. Portanto, o convite está em fazer processo para incluir-se na revolução educacional que transforma, que inova, que empreende, que recupera as memórias e as pegadas dos que nos antecederam em seus feitos criativos. Conforme Führ (2019), é no impacto da revolução industrial que precisamos conquistar a autonomia de uma Educação 4.0 que nos leve a nos reconhecermos como pessoas criativas, autônomas, críticas, sistêmicas, multidisciplinares, flexíveis, digitais, dentre tantas outras características que nos são exigidas.

É preciso superar o cenário de uma realidade onde o estudante e o próprio docente se alijam da responsabilidade de viver a própria autonomia, delegando a terceiros a responsabilidade pelo desenvolvimento de suas competências. Frases como “tô pagando para aprender”, “me matriculei para ter aula”, “o professor não dá aula”, ainda são estigmas de rastros metodológicos conteudistas, destituídos do desenvolvimento de competências, de envolvimento direto na confecção de um protótipo, produto ou solução criativa que venha resolver, com escalabilidade, um problema social.

Da mesma forma, educadores que não conseguem superar a transmissão de conteúdo ou de conhecimento para atingir o estágio da produção de conteúdo, estão ameaçados e tolhidos em sua autonomia. O novo lugar docente se dá na construção coletiva que faz surgir o novo, tão novo que recupera o encantamento de ambos os atores: discentes e docentes, pela obra construída em sua coletividade.

Entender que não existe resposta pronta, em caminho totalmente desenhado, mas que a partir de grandes diretrizes é possível empreender movimento rumo a um objetivo que tenha foco e resulte em produto, mostra-se assertiva educacional sem precedentes na educação superior. Portanto, é preciso continuar a investir na pessoa para nos aproximarmos sempre mais do profissional que queremos. Este ser humano jamais será dado e sim formado, em seu projeto de vida, com suas múltiplas competências, tarefa por toda a vida (*life long learning*). Portanto, o estudante e o educador que esperamos na educação superior já começam sua constituição nos primeiros anos da educação básica quando lhes é facultado o direito ao desenvolvimento de competências e habilidades nas diversas áreas do conhecimento.

Mesmo considerando o atendimento ou não desta formação integral na educação básica, é necessidade premente que as universidades e as empresas trabalhem juntas com os estudantes e educadores para o desenvolvimento de *soft*

skills a fim de garantir valor social agregado e maior empregabilidade a ambos. Não bastam diplomas ou certificados para atender às demandas da vida e do mercado de trabalho. Para dar conta dos inúmeros desafios que a vida presente nos cobra, pesquisas apontam para o desenvolvimento de competências transversais, humanas, além das específicas de cada carreira, a exemplo do que nos recobra Succi; Canovi (2020), são cada vez mais demandadas e pouco encontradas.

2.2 Currículo por competências

Dentre tantas mazelas educacionais, por que falar em currículo neste momento? Qual seu lugar na discussão sobre novas competências? Será ele um dos vilões do fracasso escolar da educação do século XXI? Sim, entendemos que está na hora de nos permitirmos falar sobre nossos currículos, obsoletos, disciplinares, destituídos de sentido e muitas vezes para atender burocracias e sistemas de avaliações.

O fato é que o estudante e o educador que chegam hoje na educação superior não estão preparados para esse conceito do novo currículo. Ainda vêm de um modelo de educação básica ou superior em que aguarda a solução, ou as respostas, por parte de terceiros, não assumindo seu papel como protagonista e sim como espectador no cenário educacional. Esta cultura da passividade, em acreditar que a verdade está fora de si, está no outro, está para além da sua condição de autoria, leva-o a uma atitude de escuta passiva que não favorece o saber da experiência (TARDIF, 2002) nem o desenvolvimento de competências (PERRENOUD).

Nosso objetivo aqui não é definir currículo, nem pontuar os tipos de currículos ao longo da história da educação. Queremos simplesmente refletir sobre a importância de considerarmos uma abordagem curricular mais aberta, ligada com a vida do estudante, com as necessidades do mercado, da indústria e da sociedade. Um currículo que dialogue com os grandes temas emergentes, que considere projetos, resolução de problemas reais, que recobre o encantamento da descoberta, do avanço do conhecimento significativo. Um currículo que participe do projeto de vida do estudante, que se integre aos grandes objetivos sustentáveis do planeta, conforme a ONU (2022), que se traduza em produto gerador de inovação e empreendedorismo. Tal currículo considera a experiência do sujeito, estudante e educador, (TARDIF, 2002). Para tal currículo, é imperativo o estudante ter orientação, gestão de carreira para que sua graduação tenha sentido, sobre o passo a passo do desenvolvimento de suas competências para solução de problemas complexos da vida profissional. Saber com maior riqueza de detalhes e profundidade sobre sua futura profissão, mesmo antes de ingressar nela, ou ainda no primeiro semestre, para que possa ser ator principal ativo e não figurante passivo do seu processo acadêmico é necessidade premente. Nesse sentido, o Século XXI é o século da experiência, por excelência. É o momento de aproveitar cada oportunidade, cada conteúdo, cada objetivo educativo para vivenciar em sua profundidade, para garantir os valores da solidariedade, das redes de cooperação, do *co-working*, do trabalho multi e transdisciplinar. É momento para valorizar o estar juntos, promover o valor das diferenças, a cultura da diversidade, da justiça e da paz.

Estes temas que para muitos teóricos são considerados currículo oculto ou simplesmente *soft skills*, para o nosso contexto ganham centralidade, pois a vida não se dá na periferia das *hard skills*, mas no conjunto destas competências: *hard*, *softs skills* e transversais. Grande é o desafio para a formação continuada dos diferentes atores (estudantes e educadores) para garantir, além das tradicionais prescrições curriculares, este arcabouço de competências que dá vida autônoma e cidadã.

2.3 Disrupção Tecnológica e Humana

Não estamos mais na época de nossos avós ou nossos pais. Eles responderam com maestria aos desafios de seu tempo. Muitos, com orgulho, se aposentaram trabalhando o tempo todo na mesma empresa. Outros, exerceram única profissão ao longo de décadas com zelo, competência e reconhecimento. Contudo, vivemos novos tempos de um futuro que já chegou com abruptas e velozes transformações. Agora, aprender não se limita a um curso, a uma profissão, a um ofício, a uma especialização, ou mesmo a um doutorado. Aprender tornou-se tarefa para toda a vida (NISHA;

RAJASEKARAN, 2018). Sim, nunca estamos prontos, nunca estamos com a última resposta, nunca estamos com a última descoberta. Sempre estamos a caminho, sempre estamos a convite para a construção de novos conhecimentos para avançar em nossas áreas específicas com nossa contribuição atualizada a cada instante. O que é verdade hoje, pode não ser amanhã. Portanto, mais que um “jargão”, aprender por toda a vida torna-se necessidade presente para continuar a dar respostas significativas às perguntas que a vida nos faz a cada dia.

Somente a garantia do processo de aprender por toda a vida pode nos colocar na competitividade por empregabilidade. Hoje aprendemos a todo momento e em qualquer lugar. Também dispomos das modalidades presencial, educação a distância, e híbrida dentre outros modos de ensinar e aprender. Contudo, acelerada pela pandemia, cresce a discussão e a realidade da aprendizagem híbrida por gerar o desenvolvimento de expectativas de qualificações profissionais, da aquisição de experiência de trabalho e do enfrentamento dos desafios econômicos e sociais envolvendo Universidades, mundo do trabalho e vida pessoal. A inteligência artificial é aceita como a grande disrupção para muitas mudanças que estamos vivendo. Ela mudou nossa forma de viver, de nos relacionarmos, de educarmos, de realizamos reuniões, negócios, enfim, saímos de um mundo analógico para um mundo digital. Neste caminho sem volta, resta-nos agora, também, atender a uma revolução humana similar à digital.

A realidade da Inteligência Artificial exige que se aprenda a aprender neste novo mundo tragado pela velocidade das mudanças, pela internet das coisas, pelas novas relações humanas que redesenham a subjetividade, o novo mercado do trabalho, *e-commerce*, *home-office* e a sociedade digital 5.0. Estamos diante de um novo ser humano que exige novos cuidados, novas formas de aprender e novos contextos para seu desenvolvimento. Para tanto, é importante repensar profundamente o lugar do desenvolvimento, do senso de responsabilidade e colaboração e práticas de implementação entre os atores: docentes e discentes (RÖMGENS; SCOUPE; BEAUSAERT, 2020). Não somos os mesmos de ontem, e amanhã não seremos os mesmos de hoje. Para que educação estamos investindo nossas melhores energias?

Diante de um mundo de profundas incertezas, cabe-nos apostar em competências, tanto para docentes quanto discentes, que se mantêm estáveis entre as demandas da vida, do mercado e da sociedade: o equilíbrio entre as *hard skills*, as *soft skills* com destaque para as questões socioemocionais e sociocomportamentais mostra-se decisão acertada na formação das futuras gerações. Segundo o Documento *O Futuro do Trabalho*, continuam em alta as competências voltadas para a criatividade, a resolução de problemas complexos, a capacidade de trabalhar em equipe, as competências digitais, profissões voltadas para a Inteligência Artificial, o trabalho colaborativo, rápida tomada de decisão dentre tantas outras que vale a pena conferir em (https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf). Estes, são exemplos da disrupção humana que precisamos provocar por meio da educação. Tarefa difícil, contudo, possível.

Entender este mundo disruptivo favorecerá a iniciativa do discente e do docente, como autores de competências ativas no atendimento às novas demandas da vida e do trabalho. Uma delas será circular entre várias profissões. Ou seja, futuros egressos das universidades passarão por até 06 carreiras diferentes ao longo da vida. Portanto, a formação, tanto pela iniciativa da pessoa quanto das organizações educacionais e empresariais compreende-se como tarefa para toda a vida (HOFFMANN, 2021).

Considerando tudo o que discutimos até aqui é preciso respeitar os processos estudantis que formam com sentido percorrendo trilhas de aprendizagem com formação sistêmica além de conteúdos específicos de uma determinada área do conhecimento. Tal premissa incide diretamente na preparação, capacitação e educação do estudante para esta realidade atual, revisão dos atuais currículos ainda compartimentados por disciplinas, conteúdos, levando à fragmentação de saberes e aprendizagens não pertinentes. Incide ainda no investimento em novas tecnologias concomitante ao investimento em pessoas, cuidando de sua formação integral e integradora. Ou seja, dando equilíbrio na formação intelectual, sócio- emocional, física, e espiritual, além de competências digitais que permitirão a inclusão no mercado e na sociedade digital.

Todas estas transformações exigem o surgimento do novo, como já expresso no título deste artigo. Este novo se mostra na aprendizagem em qualquer hora e em qualquer lugar, em menos ensinagem e mais aprendizagem, em

novas linguagens digitais para solução de novos problemas e, principalmente, no desenvolvimento do potencial humano a fim de que agregue valor ao social e o faça no pleno exercício de sua cidadania. Desta forma, facilitar-se-á o diálogo das novas competências com aquelas competências já estabelecidas nas diretrizes curriculares dos Cursos de graduação nacionais (DCNs), uma vez que haverá transformações significativas com a inserção da inteligência artificial e automação nas atuais profissões. A título de exemplo, até 2026 acredita-se que 55% da atuação do enfermeiro, 56% do médico, 72% do fisioterapeuta, 75% do psicólogo estarão sob influência da automação (LAMFO, 2019).

Portanto, mais uma vez recupera-se a disrupção humana como diferencial. Esta realidade demanda ampla discussão sobre inovação e disrupção da tecnologia e da inteligência artificial. O futuro profissional, além daquelas competências básicas, passa a ter foco também nas novas competências sociocomportamentais, socioemocionais que dialogam com as novas tendências de um modelo cognitivo e criativo da educação 5.0. O importante é estarmos atentos à dupla disrupção: tecnológica e humana sem matarmos nenhum dos polos.

Por fim, a disrupção tecnológica está entre nós e já é fato sem precedentes na história. Já vivemos na dependência dos limites e oportunidades das inteligência artificial, da internet das coisas, da robótica, do metaverso, etc. Alinhados a esta disrupção obrigatoriamente necessitamos recuperar a disrupção humana que passa necessariamente pelo desenvolvimento de habilidades, competências técnicas, humanas, transversais que potencializam o ser humano na sua antifragilidade (TALEB, 2015) para lidar com os eventos inesperados (TALEB, 2008) que de hora em diante se apresentarão com maior frequência e intempestividade a exemplo da pandemia COVID-19, dos conflitos mundiais, a exemplo da Guerra Rússia-Ucrânia, do aumento das migrações e dos refugiados, dos problemas climáticos e ameaças da biodiversidade (UNESCO, 2022) entre outros que ainda estão por vir. Você sente-se preparado para o desconhecido? Suas atuais competências atenderiam ao futuro inesperado?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo tratou das novas competências de ensino-aprendizagem, na educação superior, visando o desenvolvimento de pessoas competentes para a vida e o mercado de trabalho na atualidade. Contudo, não buscou termos tradicionais para discutir novas competências e sim, novos posicionamentos das pessoas diante das possibilidades que a vida oferece para ensinar e aprender. A proatividade mostrou-se tema transversal neste processo de aprendizagem por toda a vida.

Buscou-se como objetivo refletir, criticamente, o desenvolvimento de competências essenciais de discentes e docentes, capazes de dar conta de um mundo em constantes e rápidas mudanças que exigem processos contínuos de transformação, inovação e empreendedorismo. Esta reflexão decorre da vivência dos autores como gestores e educadores. Tais vivências nos interpelam, a cada dia, a revisitar nossas práticas e nossa práxis no intuito dar protagonismo aos discentes e docentes da educação superior, a fim de que trabalhem sua autoria, com sentido, no exercício da educação.

A Metodologia qualitativa recuperou a narrativa, de forma crítica-reflexiva, vivenciada pelos autores e seus respectivos estudantes, principalmente influenciados pelo período de travessia pandêmica - COVID-19. Acreditamos que estas reflexões nos permitem sonhar com um futuro próximo a uma educação 5.0 a exemplo do que já está ocorrendo com outras áreas. Vejamos:

A Educação 5.0 refere-se à utilização da tecnologia a fim de proporcionar uma forma de educação mais prática, sem precisar estar presente na sala de aula, pois há a implementação do ensino a distância. (FELCHER; FOLMER, 2021). Semelhantemente, a Indústria 4.0 apresenta como diferencial a inclusão da internet, inteligência artificial, entre outros artefatos tecnológicos, com a intenção de desenvolver máquinas inteligentes para substituir o trabalho humano (PEREIRA; SIMONETTO, 2018). O Mercado 5.0 utiliza a tecnologia como método de estratégias, assim aumentando o conhecimento de negócios para a empresa. (KARTAJAYA; SETIAWAN; KOTLER, 2021). A Sociedade 5.0 surgiu no Japão com foco na sua qualidade de vida, sustentabilidade e inclusão social. (GUIMARÃES; CRUZ; MIRANDA;

RUSSO, 2019). A Saúde 5.0 oferece uma forma de sistema inteligente e seguro, a fim de o médico possuir todas as informações sobre o paciente (ALMEIDA, 2022).

Com pessoas desenvolvidas em suas habilidades e competências para além de meros títulos profissionais, estamos mais próximos do avanço significativo do conhecimento superando as extremas desigualdades de inclusão das novas tecnologias e da chegada de um futuro desigual, com fortes discrepâncias entre países, estados, cidades e municípios.

Que os novos atores e as novas competências nos instiguem na construção da Educação 5.0 onde se busca o bem-estar das pessoas; a sustentabilidade do planeta; as competências socioemocionais; a solução de problemas complexos de forma escalável e sustentável, dentre outros. Estar no mundo, e nele deixar nossa contribuição, passou a ser uma premissa que exige, ao menos, conquistar 3 etapas em nossos estágios de autodesenvolvimento, a saber: Autonomia para ensinar e aprender; currículo ligado à vida e disrupção tecnológica e humana. Tais resultados incidem diretamente no fortalecimento da relação entre Universidade, egresso e mundo do trabalho favorecendo a empregabilidade para a vida toda. Portanto, além de títulos, é preciso formar pessoas competentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. R.. **Saúde 5.0: inovação na saúde avança em ritmo acelerado**. Medicina SA, 2022. Disponível em: <<https://medicinasa.com.br/saude-5-0-avanco/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.
- FELCHER, C. D. O.; FOLMER, V.. Educação 5.0: reflexões e perspectivas para sua implementação. **Revista Tecnologias Educacionais em Rede (ReTER)**, v. 2, n. 3, p. 5-01-15, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reter/article/view/67227>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.
- FOSSATTI, P.. **Perfil Docente e Produção de Sentido**. Canoas: Editora Unilasalle, 2013., 194p
- FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 68 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019., 144p.
- FÜHR, R. C.. **Educação 4.0 nos impactos da quarta revolução industrial**. Curitiba: Appris, 2019., 210p.
- GUIMARÃES, D. C. et al. Produção científica sobre a Sociedade 5.0. In: **10th International Symposium on Technological Innovation**. 10th International Symposium on Technological Innovation. <<https://doi.org/10.7198/S2318-3403201900010918.2019>>. Disponível em: <<https://scholar.archive.org/work/u2t6kh7doffvxaxkuos2mqwhja/access/wayback/http://www.api.org.br/conferences/index.php/ISTI2019/ISTI2019/paper/download/918/585>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022
- KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I.; KOTLER, P.. **Marketing 5.0: Technology for humanity**. John Wiley & Sons, 2021. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=lgAXEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=marketing+5.0&ots=XMKHD7rV3L&sig=frpZI-6MKPmLLDWWkShCMJ46M48>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022
- LAMFO. **Automation Jobs**. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <<https://lamfo.unb.br/automation-jobs/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.
- NISHA, S. M.; RAJASEKARAN, V. Employability skills: A review. **IUP Journal of Soft Skills**, v. 12, n. 1, p. 29-37, 2018. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/1f9f5ad8e5798a6b992e4c1bee830cbb/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2029989>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022
- HOFFMAN, G. **O futuro da educação e o desenvolvimento das competências para o século 21**. Locução de: Gustavo Hoffman. [S. l.]: ABMES, 17 de jun. de 2021. Podcast. Disponível em: link. Disponível em: <<https://abmes.org.br/linc/podcast?page=1>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.
- ONU, Organização das Nações Unidas. Sobre o nosso trabalho para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil. ONU, 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PEREIRA, A.; DE OLIVEIRA SIMONETTO, E.. Indústria 4.0: conceitos e perspectivas para o Brasil. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4938>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

PERRENOUD, P.. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Penso, 2000., 162p.

RÖMGENS, I.; SCOUPE, R.; BEAUSAERT, S.. Unraveling the concept of employability, bringing together research on employability in higher education and the workplace. **Studies in Higher Education**, v. 45, n. 12, p. 2588-2603, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03075079.2019.1623770>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

SUCCI, C.; CANOVI, M.. Soft skills to enhance graduate employability: comparing students and employers' perceptions. **Studies in higher education**, v. 45, n. 9, p. 1834-1847, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03075079.2019.1585420>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

TALEB, N. N.. **A lógica do Cisne Negro: o impacto do altamente improvável**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2008.

TALEB, N. N.. **Antifragil**. Tradução Eduardo Rieche. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2015. Disponível em: <<http://files.sedaepe.webnode.com.br/200001223-abaabaca3e/Antifragil%20-%20Nassim%20Nicholas%20Taleb.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2021.

TARDIF, M.. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

UNESCO. **Más allá de los límites**. Nuevas formas de reinventar la educación superior. Documento de trabajo para la Conferencia Mundial de Educación Superior. UNESCO, 2022.